



A Paz e os Estereótipos: Análise da Presença de Elementos Antissemitas nos Cartuns de Carlos Latuff¹

José Pedro BEZERRA²

Vítor Carvalho FEROLLA³

Ana Cristina Menegotto SPANNENBERG⁴

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar as charges do cartunista brasileiro, Carlos Latuff, e, juntamente ao levantamento de bases teóricas, observar, nos cartuns, relações com o antissemitismo. Latuff mostra, na maioria de suas charges, o conflito histórico entre judeus e palestinos e quase sempre se posiciona a favor dos palestinos. Seria Latuff racista? Seus desenhos favorecem a paz? Pretendemos responder a essas questões a partir da análise de 11 charges de Carlos Latuff.

PALAVRAS-CHAVE: Carlos Latuff; Cartuns; Conflito; Preconceito.

1. INTRODUÇÃO

O conflito árabe-israelense data de antes do século XIX, quando judeus foram movidos para a Palestina para que pudesse ser estabelecido um Estado judaico. Porém, a Palestina já era habitada, em sua maioria, por árabes. O confronto surge através desse panorama, onde os dois povos lutam pelo mesmo pequeno pedaço de terra, sendo caracterizado como um choque de aspirações nacionalistas. Nesse contexto, todo tipo de arma é utilizado, especialmente as ideológicas, como a comunicação.

As charges são desenhos carregados de críticas sociais e/ou políticas. O cartunista brasileiro, descendente de libaneses, Carlos Latuff, exhibe em seus trabalhos uma tendência pró-palestina desde o final dos anos 1990 após sua visita aos territórios ocupados. O presente artigo tem como objetivo principal abordar as charges de Carlos Latuff e analisar suas relações com o conflito histórico pela disputa de território entre Israel e Palestina. Para tanto, foram analisadas 11 charges do livro “Cartoons and Extremism”, de Joel Kotek. Estas foram analisadas observando os critérios como:

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, do Intercom Junior – Jornada da Iniciação Científica, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 4º semestre do Curso Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia, email: pedro_jornalismo@yahoo.com.br

³ Estudante de Graduação 6º semestre do Curso Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia, email: vitorferolla@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Jornalista, Mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas e Doutora em Sociologia, Professora do Curso de Comunicação Social –Jornalismo, da Universidade Federal de Uberlândia, email: anacristina@faced.ufu.br



símbolos e personagens presentes, estereótipos retomados ou criados e relações da imagem/texto.

A construção do sentido dentro dos cartuns políticos sempre se dará entre a imagem e o texto. Umberto Eco (1976), durante a análise de uma estória em quadrinhos, explicou: “os fatores semânticos articulam-se numa série de relações entre a palavra e a imagem”. (p. 146) O autor também menciona uma “série de convenções (...), baseado nas quais todo bom leitor de estórias em quadrinho está em situação de colher de pronto o inteiro alcance da mensagem”. (ECO, 1976, p. 141)

O presente texto está estruturado em quatro partes. No primeiro momento, há um breve referencial sobre as charges e seus significados. Depois, uma abordagem histórica explica o que é antissemitismo e como os judeus eram estereotipados na Idade Média e Moderna, no regime nazista, na União Soviética e no mundo muçulmano através do uso de imagens. Na sequência, é realizada a análise da presença desses elementos antissemitas nos cartuns de Latuff, e, concluindo, é feita uma reflexão a respeito de Latuff ser ou não racista, e se seus desenhos favorecem ou não favorecem a paz.

2. REFERENCIAIS TEÓRICOS PARA ANÁLISE DAS CHARGES DE LATUFF

As charges sempre são carregadas de crítica, seja social ou política. Carlos Latuff não foge à regra. Segundo o artigo “charges.com.br: Literatura imagética das notícias via internet”, de Gazy Andraus (2003), a palavra charge deriva do francês e significa “carregar” ou “ataque”, em sua forma figurada. O termo caricatura também se assemelha ao significado da palavra charge. De acordo com Arie Stav (1999), caricatura é: “Original do Italiano *caricare* ‘sobrecarregar’, ‘exagerar’”.(p. 18)⁵

No mesmo artigo sobre o site “charges.com.br” é reforçada a ideia da importância do desenho, como nas paredes das cavernas na pré-história, até a Internet e de suas aplicações na atualidade. Conforme o autor, desenhos são formas da expressão humana, que unem a parte do cérebro racional (lado esquerdo) e intuitivo (lado direito).

Luiz Nazário (2007/2008), em seu artigo “As Caricaturas do Holocausto”, discorre sobre as caricaturas e que elas são responsáveis por provocar um riso que liberta, pois são carregadas de um humor popular libertário, crítico e revolucionário.

⁵ No original: “From the Italian *caricare* ‘to overload’, ‘to exaggerate’. (Tradução Nossa)



Mas, no caso de Latuff e na maioria das charges antisemitas, o riso provocado por essas caricaturas/cartuns é o riso degradante, pois elas não seguem as características do mesmo humor da charge, que promove o riso que liberta. Para Arie Stav (1999): “O paradigma anti-Semita é oposto completo do humor.”(p. 18)⁶ Um exemplo humorístico é o site “charges.com.br”, que apesar de ser carregado de críticas e ironia, traz consigo o humor como ponto principal. Já o riso degradante traz consigo um humor popular, preconceituoso, sádico e reacionário, percebido com facilidade, como não poderia deixar de ser, nas charges de Latuff.

Nas charges de Latuff, as imagens estão carregadas de elementos que mostram os Palestinos como os oprimidos da história e que os Israelenses matam, destroem, muitas vezes por prazer, como podemos constatar em “Cryminal of the Month” e em “Sharon Victorious”. Essa tendência de Latuff, ao demonstrar o lado destruidor israelense, é constatada nas 11 charges analisadas. Em outra amostragem de 304 cartuns, apenas sete expressam um posicionamento a favor da paz.

Em seu livro “Contra o Fanatismo”, Amós Oz (2002) fala sobre como um fanático pode ser possivelmente curado. Para ele, fanatismo não vem simplesmente de um conflito entre ricos e pobres, é algo velho, anterior às três grandes religiões monoteístas. Os fanáticos que gritam nas ruas abafam os moderados que estão escondidos em suas casas. Para Oz, se houvesse esperança, os moderados se destacariam. Segundo ele, só é possível curar um fanático com senso de humor, pois ele nos relativiza e iguala. Um fanático nunca terá senso de humor, no máximo, será sarcástico. Conforme esse raciocínio pode-se afirmar que Latuff não utiliza senso de humor em suas charges, mas é muito sarcástico e irônico em seus desenhos.

A disputa entre Israel e Palestina, para Amós Oz (2002) é uma disputa entre o certo e o certo, ou seja, não tem como afirmar nesse conflito quem é o mocinho e quem é o vilão da história. Não é apenas um “mal-entendido”. Ambos foram oprimidos pelo mesmo opressor no passado e reivindicam um pequeno e mesmo pedaço de terra que consideram suas terras natais. Para que pudessem viver em paz, teriam que aprender a conviver um do lado do outro, pois não haveria espaço para eles em outro lugar e eles tampouco gostariam de sair de seus lugares.

Apesar de Oz sugerir que não se deva escolher um lado em detrimento do outro, ao observar os cartuns de Latuff, percebe-se que ele fez uma opção. A paz é um

⁶ No original: “The anti-Semitic paradigm is the complete opposite of humor.” (Tradução Nossa)

elemento ausente em seus desenhos (com raras exceções, tal como já foi dito) e quando aparece, a pomba que representa a paz está na boca do soldado israelense que continua matando os palestinos e fazendo sua contagem pessoal de vítimas, como, por exemplo, em “Criminal of the Month”.

2.1 A DEFINIÇÃO DE ANTISSEMITISMO E DOS ESTEREÓTIPOS JUDAICOS

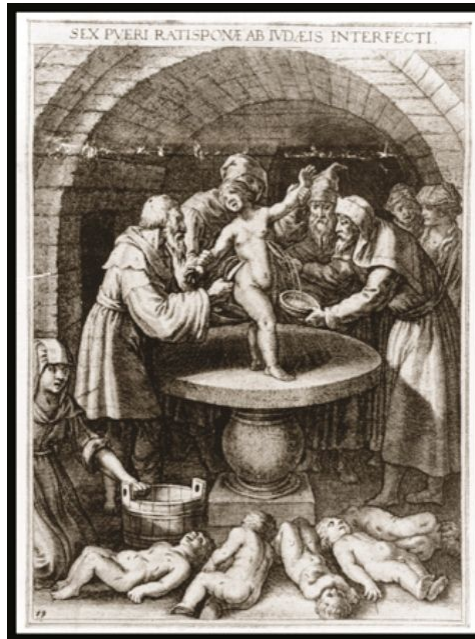


(Figura1: Cartão postal bretão antirrepublicano e antissemítico, onde judeus foram retratados como responsáveis pela morte de Cristo e um morcego judeu narigudo domina a França)

O antissemitismo esteve presente na Europa de forma constante durante a maior parte da Idade Média e Idade Moderna. A situação da população judaica era complicada, e o sofrimento era constante:

Por um período de 1.700 anos, entre 250 d.C. e 1948 d.C., os judeus sofreram mais do que oitenta expulsões de vários países da Europa, com uma média de uma expulsão a cada 21 anos. Judeus foram expulsos da Inglaterra, França, Áustria, Alemanha, Lituânia, Espanha, Portugal, Boêmia, Moravia e 71 outros países. (STIVELMAN, 2006, p. 95)

Os motivos para tantas perseguições não se encontravam nos judeus, e sim nos não judeus, como explica Sartre (1995): “Richard Wright, o escritor negro, declarou recentemente: ‘Não existe problema negro nos Estados Unidos, existe apenas um problema branco’. Da mesma forma, diremos que o anti-semitismo não é um problema judaico — é *nosso* problema” (p. 95). A aversão aos judeus, de acordo com o filósofo francês não é de origem racional, mas sim um ódio proveniente de crenças, irracionalidades, paixões e prazeres. Para que o povo de Israel ser tão odiado e perseguido foi necessário a construção de vários estereótipos que se consolidaram ainda mais com as caricaturas antissemíticas, inicialmente em pinturas e estátuas e, posteriormente, com o advento da imprensa, em panfletos, livros e cartuns.



(Figura 02: *Der Stürmer*, jornal nazista, divulga libelo de sangue em que judeus são mostrados como assassinos de crianças)

A definição do que é antissemitismo pode variar de teórico para teórico, de acordo com Ben Abraham (1976). “Anti-semitismo é movimento organizado, antijudaico, que pode se basear tanto na perseguição religiosa, como na perseguição econômica, racial ou política, denominada, hoje, como ‘anti-sionista’” (p.11), explica.

Já para Jean-Paul Sartre, começa seu livro “A Questão judaica” com uma definição mais específica em relação a quem são os antissemitas, e o que caracteriza uma “opinião” antissemita:

Se um homem atribui, no todo ou em parte, os problemas do país e seus próprios problemas à presença de elementos judeus na comunidade, se ele propõe remediar esse estado de coisas privando os judeus de certos direitos, afastando-os de certas funções econômicas e sociais, expulsando-os do território ou exterminando-os todos, diz-se que ele tem *opiniões* anti-semitas. (SARTRE, 1995, p.8)

A razão do preconceito aos judeus reside simplesmente no fato de que a pessoa odiada é judia. Anne Frank (2008, p.80), a criança que morreu no Holocausto e ficou reconhecida por seu diário, já sabia deste fato. No dia 19 de novembro de 1942 ela escreveu: “Fico apavorada quando penso em amigos íntimos que agora estão à mercê dos monstros mais cruéis que já assolaram a terra. E tudo porque são judeus”, escreveu. Norman Cohen (1969, p.17), explica que os judeus “foram marcados para o extermínio” e que “enquanto russos, poloneses, e iugoslavos eram dizimados em nome de teorias racistas que datavam de menos de um século, a campanha para exterminar os judeus originava-se de superstições demonológicas herdadas da Idade Média”.



(Figura 03: Judeus identificados com o símbolo amarelo sendo queimados na estaca, como mostra esse manuscrito medieval de Luzerner Schilling, de 1515.)

Muitos, atualmente, argumentam que o que alguns chamam de antissemitismo nada mais é que uma crítica ao estado de Israel, mas Raquel Stivelman (2006) explica que, meramente, criticar Israel não é antissemitismo. Já Alan Dershowitz (2004) afirma que os maiores críticos das políticas israelenses se encontram exatamente em Israel, muitas vezes dentro do próprio governo. O que Dershowitz, Stivelman e até mesmo Kotek criticam é, justamente, o duplo padrão de moralidade quando aplicado ao Estado judaico, ou a retomada de antigos ódios em forma moderna, apenas encobrendo o preconceito com o nome de crítica política.

O que se vê é que Israel, diante dos olhos do mundo, é julgado mais duramente com menos clemência do que qualquer outra nação. Quando dezenas de milhares de vítimas foram mortas em Ruanda, quando dois milhões de cristãos foram exterminados no Sudão, os protestos através do mundo emudeceram. Mas, quando há qualquer desastre ou seja qual for o número de vítimas no conflito árabe, o judeu é trombeteado como uma atrocidade jamais vista na história. (STIVELMAN, 2006, p. 250)

Silvia Rosa Nossek Lerner, em seu artigo “Imagens antissemitas: do III reich ao Irã”, esclarece como a propaganda antissemita era comumente utilizada em livros escolares durante o regime nazista alemão. De acordo com a autora, o livro infantil *Der Giftpilz*, publicado em 1938, mostra como, em forma de propaganda o antissemitismo alcançava as massas:

Para os pobres o judeu era apresentado como o homem capitalista, gordo, rico e sempre cobrando alguma dívida, além de representar outro perigo pois ele rapta e come criancinhas. Para o lavrador ele assume a forma de um cogumelo venenoso que, ao lado do cogumelo bom, arrasa as plantações trazendo a miséria para o campo. Para as mulheres é um pevertido[sic] sexual e estruprador[sic], enquanto que



para os trabalhadores assume ora a figura do patrão capitalista ora o do monstro comunista. (LERNER, 2009, p. 52)

Sobre a presença de antigos estereótipos em cartuns políticos contemporâneos, o livro “Cartoons and Extremism: Israel and the Jews in Arab and Western Media”, de Joël Kotek (2008) aborda essa questão com clareza e expõe quais são os estereótipos, e como cartunistas modernos estão apenas retomando o antigo ódio:

É fato que todos os judeus são almeçados em nome do antissionismo e da denúncia da ‘existência de Israel’. Essas imagens são algumas vezes usadas como meio de retratar as mais virulentas formas de antissemitismo. Cópias completas ou plágio de imagens vindas da imprensa nazista, principalmente do *Der Stürmer*, recorrem aos temas usuais (o judeu vampiro, bebendo o sangue das nações, o judeu reivindicando dominação mundial, o judeu como assassino de Cristo, etc.) e ao mesmo repertório de símbolos para denunciar a tentativa judaica de dominar o mundo (sangue de crianças, a Cruz de Cristo), usando a mesma técnica de estilo (judeu com o nariz adunco, lábios grossos, corcunda), para representa-los na forma animal (o judeu retratado a menor espécie da vida bestial, como os tentáculos do polvo, o morcego, a aranha ou... o porco). (KOTEK, 2008, p. XXI)⁷

O antissemitismo sempre utilizou de imagens para construir seu referencial e transmitir suas ideias. Do mesmo modo como são atualmente utilizadas nos cartuns políticos de Latuff, o que é feito em defesa dos palestinos acaba retomando alguns estereótipos antissemitas.

3. ANÁLISES

Em uma amostra de 304 cartuns de Carlos Latuff do período entre 2002 e início de 2009, somente ligados à questão palestina, apenas sete expressam um posicionamento a favor da paz, e dois não são contra Israel ou Palestina e, sim, contra os Estados Unidos. Os outros 295 cartuns defendem a “resistência” palestina, todavia também criticam árabes e palestinos “moderados”, pois criticam a Liga Árabe e a Autoridade Palestina, mas elogiam o Hamas e o Hezbollah. Dentre esses cartuns, estão severas críticas ao Estado judaico, por exemplo: comparar israelenses com nazistas. Em

⁷ No original: “in the name of anti-Zionism and denunciation of the ‘existence of Israel’, it is in fact all Jews that are targeted. These images are sometimes used as a vehicle for portrayals of the most virulent form of antisemitism. Outright copies or plagiarisation of images from the Nazi press, foremost *Der Stürmer*, they resort to the usual themes (the vampire Jew, sucking the blood of nations, the Jew asserting world domination, the Jew as killer of Christ, etc.) with the same repertoire of symbols to denounce the Jewish attempt to dominate the world (children’s blood, the Cross of Christ) using the same stylistic technique (the hook-nosed, thick-lipped, stooping Jew), and the same portrayal in animal form (the Jew depicted as the lowest species of bestial life, such as the tentacle octopus, the bat, the spider or... the pig).” (Tradução nossa).

outros, além das críticas políticas também são retomados alguns estereótipos medievais e nazistas dos judeus, por exemplo: a acusação que judeus matam crianças por prazer.

Isso demonstra a imensidão do material exposto e a dificuldade em escolher uma quantidade pequena de cartuns dentro de um universo tão gigantesco, além da mesma limitação na hora de determinar o critério de escolha para esses cartuns. Diante das dificuldades, escolhemos para análise por charges já expostas no livro de Kotek. Das 33 ali apresentadas, selecionamos 11 que possuem caracterizações mais explícitas do preconceito, tentando abranger o maior número de estereótipos. Nelas foram observados o uso das cores, a retomada de estereótipos clássicos contra os judeus e a relação entre imagem e texto.

3.1 CORES

Os cartuns analisados são veiculados na internet, meio esse que permite a livre exploração das cores, o que em alguns jornais não seria possível. De acordo com Luciano Guimarães (2004, p.52), “as cores só têm esse poder de, subterraneamente, incrementar valores às mensagens porque os métodos, os comportamentos e as intenções no seu uso não são conhecidos da sociedade consumidora da mídia.” O autor explica como a deformação pode incorporar valores ruins ou bons influenciando na leitura que pode ser feita da imagem:

A Deformação – É a mais conhecida e combatida ação negativa da cor. Alteram-se as cores, muitas vezes de forma sutil, outras de forma extremada. Com essa alteração, deforma-se a imagem original e normalmente valores negativos são incorporados. [...] Se altera a informação original, induzindo o leitor a incorporar valores depreciativos ou positivos que interfiram na sua liberdade interpretativa. (GUIMARÃES, 2004, p.55)

Diante da análise, percebemos a utilização da cor vermelha em 10 dos 11 cartuns, o vermelho é utilizado de forma exagerada para enfatizar o sangue palestino, ou em referencia ao nazismo. Quando se refere ao sangue representa os israelenses como sanguinários, e quando se refere ao nacional-socialismo desenha israelenses como nazistas. O que, obviamente, é uma deformação da realidade, que se encontra bem menos simplória e maniqueísta.

O preto e o branco encontram-se, sem exceção, presentes em todas as charges, utilizados na delineação dos desenhos e no contrastes das imagens. Todavia, em alguns cartuns também são utilizados para referir-se ao militarismo através do desenho de

armamentos, ou à paz, como em uma pomba, sempre sendo Israel o que utiliza de meios militares e que se opõe/impede a paz. Outra cor também presente em todas as 11 imagens analisadas é a cinza. Em três destas há fumaças ao fundo, representando a destruição provocada por Israel contra vítimas inocentes.

3.2 JUDEUS COMO ASSASSINOS DE BEBÊS, BELIGERANTES E NAZISTAS



(Figura 04: Cartum “Israeli are Born to Kill... babies!” de Carlos Latuff, na qual soldado israelense nasceu para matar bebês e não deixa testemunhas de seus crimes.)

Alguns elementos de análise estão presentes nas charges de Latuff. Símbolos do militarismo, signos sobre a paz e a guerra e a relação entre vítimas e opressores são comuns em seus desenhos. Na charge “Israel Vietnã”, o civil palestino é humilhado pelo soldado israelense. O soldado finge que vai atirar, enquanto faz uma bola com sua goma de mascar. Outro soldado que vê a cena ri da situação. Para Amós Oz (2002), a comparação do conflito árabe-israelense com a Guerra do Vietnã não é cabível. O autor afirma:

Sabíamos muito bem que o povo vietnamita era a vítima e os norte-americanos o lado mau. O *apartheid* era muito fácil. Poder-se-ia facilmente dizer que o *apartheid* é um pecado, e que a luta por direitos civis iguais, pela liberação, pela igualdade e pela dignidade humana era certa. A luta entre o colonialismo e o imperialismo, por um lado, e as vítimas do colonialismo e do imperialismo, por outro, é relativamente simples – pode-se dizer com facilidade quem são os mocinhos e quem são os bandidos. Quando se trata dos fundamentos do conflito árabe-israelense, em particular os conflitos palestinos-israelenses, as coisas não são tão simples. (OZ, 2002, p. 45)

Em “Sharon, the AntiChrist” o civil palestino tem uma arma apontada para sua cabeça, enquanto o líder israelense recebe dinheiro dos Estados Unidos. “Born to kill babies” e “Criminal of the month”, são as charges na quais ficam mais nítidas as intenções de Latuff em colocar os israelenses como assassinos frios e sanguinários. Na

primeira, o soldado que nasceu para matar bebês, arranca os olhos daqueles que ainda poderiam ser testemunhas do crime. Já na segunda, o soldado israelense está em cima de vários corpos de palestinos que só têm o estilingue como arma. Latuff pretende mostrar que os israelenses matam por prazer, não por obrigação e que os palestinos são sempre as vítimas que sofrem perante seus opressores.

Outra charge que pode ser citada é a “New Israeli Flag”. A nova bandeira de Israel é semelhante à Suástica, largamente utilizada por Hitler e seus seguidores no Estado Fascista. O exagero ao relacionar o Estado israelense ao nazismo caracteriza a hipérbole, outro elemento presente nas charges de Latuff. A ironia encontra-se no fato de haver um militar na bandeira, formando o símbolo da suástica, revelando, mais uma vez, que na visão do chargista os israelenses são violentos e matam por prazer.

Na charge “A New Concentration Camp”, Latuff desenha o muçumano como vítima do holocausto e o coloca dentro de um novo campo de concentração. A analogia mostra os israelenses como causadores do Holocausto contra o povo muçumano. Em “Welcome to Palestine”, o chargista expressa a mesma opinião de que os israelenses são os novos ditadores nazistas. A charge em questão faz alusão ao famoso campo de concentração de Auschwitz, utilizado pelos alemães para o extermínio dos judeus.

Em “Che Guevara Was Palestinian”, o cartunista mostra o herói argentino que ficou conhecido por sua participação na Revolução Cubana, de 1953, usando o lenço palestino (*Keffiyeh*). A intenção do cartunista parece ser mostrar o palestino como um herói, símbolo de resistência.

3.3 DEICÍDIO



(Figura 05: Cartum “Palestinian Pietá in Jenin”, de Carlos Latuff)

De acordo com Raquel Stivelman (2006), um dos motivos de os judeus serem odiados é a acusação de serem responsáveis pela morte de Jesus. O jornalista cristão

Phillip Yancey (1998, p. 304) explica: “Apontar a raça judia como a total responsável pela morte de Jesus é uma das maiores calúnias da história. Ninguém imagina considerar os modernos italianos (Roma) responsáveis pelo que os antepassados deles fizeram dezenove séculos atrás”. O mesmo autor segue citando Joseph Klaussner:

Os judeus, como nação, foram muito menos culpados da morte de Jesus do que foram os gregos, como nação, culpados da morte de Sócrates; mas quem agora pensaria em vingar o sangue do grego Sócrates nos seus compatriotas, a atual raça grega? Mas nesses 1900 anos passados, o mundo tem vingado o sangue do judeu Jesus nos seus compatriotas, os judeus, que já pagaram a penalidade e continuam pagando em rios e torrentes de sangue. (apud YANCEY, 1998, p. 304)

No cartum “Palestinian Pietá in Jenin” existe uma referência explícita à escultura *Pietà*, de Michelangelo, porém, ao invés da imagem do Cristo morto, é um garoto palestino que Maria, usando véu muçulmano, segura nos braços. Sabe-se que a charge trata do conflito entre árabes e judeus, pois no personagem, que foi baleado e sangra, há a identificação através do lenço palestino (*Keffiyeh*) e sua mãe utiliza o véu muçulmano (*Hijab*). Assim, pode-se interpretar desta charge que os judeus matam os palestinos da mesma forma que mataram Jesus ou, no mínimo, identificar os palestinos como povo escolhido santo, e, em contrates, os judeus como um povo deícida e diabólico.

3.4 BESTIALIZAÇÃO, DESUMANIZAÇÃO E ZOOMORFISMO



(Figura 06: Foto montagem “His name is terror”, de Latuff, onde Ariel Sharon possuiu presas animais).

Das charges analisadas nas figuras quatro e seis desse artigo e em “Criminal of the Month”, pode-se constatar que judeus foram retratados com presas pontiagudas, típicas de animais. Já em “Sharon, the AntiChrist” e em “Sharon victorius” há a

concepção antissemita historicamente construída de que os judeus representam Besta, o anticristo. De fato, em “Sharon victorius”, o na época primeiro ministro de Israel, foi retratado como o Diabo, na cor vermelha e com rabo pontiagudo.

Dessa forma, somaram-se cinco cartuns, dentre os 11 analisados, nos quais judeus perderam a forma humana em sua plenitude. As técnicas de desumanização, demonização e animalização foram amplamente utilizadas na Idade Média e estruturadas na Alemanha Nazista. Em ambos os períodos, a ofensa chegou ao ponto em que judeus foram retratados como porcos, animal impuro para a religião judaica.

4. LATUFF NÃO É NECESSARIAMENTE RACISTA?

Finalizadas as análises, cumpre nos debruçarmos agora sobre a tentativa de responder a questão que norteou a presente pesquisa: pode-se denominar de racistas os cartuns publicados por Carlos Latuff? Tanto Nazário (2008), quanto Kotek (2008) confirmam que o desenhista brasileiro não busca uma posição racista. Para Kotek o cartunista consegue a proeza de ser antissionista e antissemita sem ressaltar ênfases em estereótipos étnicos. Já Nazário, em uma entrevista, explica a estratégia adotada pelo cartunista para evitar ser rotulado de racista:

Naturalmente, tal artista não quer ser visto como racista, e por isso ele se diz de esquerda, deprecia neonazistas e sustenta condenar, em sua arte, apenas um Estado imperialista que massacra palestinos. Mas ao concentrar a humanidade em apenas um dos lados do conflito, diabolizando o outro lado, assume, em sua arte, que todos os crimes podem ser cometidos contra o lado diabolizado. (NAZÁRIO, 2008, s.p.)

De fato, em um dos 304 cartuns visualizados existe uma placa de proibido, escrito na faixa em vermelho. Há também a seguinte frase: “Fodam-se nazistas! Palestina não precisa de vocês”⁸ e, atrás dessa faixa, a caricatura de um skinhead com uma faixa no braço esquerdo da suástica nazista, e uma placa com a bandeira da Palestina sendo segurada com a mão direita, em sinal de defesa de uma causa. Latuff aparenta rejeitar o apoio de seus leitores simpáticos ao nacional-socialismo. Todavia, pode-se questionar a necessidade de um confronto, justamente devido à possível popularidade do cartunista diante do público neonazista.

Ser contrário ao racismo não impede um possível antissemitismo. Os estereótipos raciais que os judeus sofrem são apenas uma parte, se levados em conta os

⁸ No original: “Fuck nazis! Palestine don’t need you!” (Tradução nossa)

estereótipos religiosos, econômicos e políticos. Latuff chega a responder diretamente as afirmações de que seus desenhos são antissemitas, vindas de diversos especialistas no tema ao redor do mundo. Todavia, a justificativa do cartunista não é suficiente para negar seu posicionamento, pois a explicação utilizada pode ser considerada uma forma de antissemitismo, culpando a vítima pelo ódio a si direcionada. O famoso romancista russo, Fiódor Dostoievski, é um exemplo de alguém que, mesmo em uma época e um país onde os judeus sofriam de vários libelos e pogroms (levantes antissemitas esporádicos que provocaram a morte, o saque, e a destruição das propriedades de milhares de judeus russos), ainda assim culpou os descendentes de Abraão por sofrerem o ódio a eles direcionado (apud DERSHOWITZ, 2004). Dizer que os judeus são odiados e perseguidos porque possuem atitudes dignas de vingança, além de culpar a vítima, é também uma forma de preconceito.

Para Kotek (2008, p. 137) o foco não é se Latuff é “judeofóbico” ou não, e sim a forma perigosa com a qual são mostrados os judeus e os árabes em seus cartuns. Nas palavras do autor: “Israelenses não são ‘nascidos para matar bebês’, para beber sangue de crianças, conectados com o mal (666).”⁹ Kotek continua explicando como Latuff consegue ser antissemita sem ser racista:

A Palestina no lado do Bom confronta o Mal, o israelense, nascido para matar, especialmente bebês, como mostra na inscrição ao redor do capacete do soldado, quase sem nariz, porque, como o artista afirmou categoricamente em um daqueles comentários que ele é tão adepto a fazer, de forma alguma ele gostaria de ser ‘suspeito de antissemitismo’. Ao apresentar o conflito israelo-palestino como uma íntegra batalha entre soldados e civis, simbolizados por pequenas crianças, Carlos Latuff alcança o impossível de ser ao mesmo tempo antirracista e antissemita de uma vez só e ao mesmo tempo - na verdade ele recaptura a clássica imagem do judeu como assassino de criança, ao redesenhar a imagem que remonta o *Massacre dos Inocentes* de Herodes até o alegado assassino ritual de tempos medievais. (KOTEK, 2008, p. 137, 140)¹⁰

⁹ No original: “Israeli are not ‘born to kill babies’, to suck children blood, connected with evil (666).” (Tradução nossa)

¹⁰ No original: “The Palestine on the side of Good confronts Evil, the Israeli, born to kill, especially babies, as shown on the inscription around the soldier’s helmet, with almost no nose, because, as the artist has stated categorically in one of those commentaries he is so adept at, no way would he want to be ‘suspected of antisemitism’. In presenting the Israeli-Palestinian conflict as a straightforward battle between soldiers and civilians, symbolized by small children, Carlos Latuff achieves the impossible of being both anti-racist and anti-Semitic at one and the same time – in effect he recaptures the classic image of the Jew as child murderer, by redrawing the image that harks back to Herod’s *Massacre of the Innocents* down to the alleged ritual murders of medieval times.” (Tradução nossa)

É perceptível que os cartuns de Latuff, em que os israelenses são mostrados de forma extremamente negativas, alcançam notável reprodução em diversos blogs ao redor de todo o mundo. Adam Levick, em seu artigo “Anti-Semitic cartoons on Progressive Blogs” (2010), concede uma preocupação especial ao cartunista brasileiro, como mostra o seguinte trecho:

O cartunista de aparição mais frequentemente nos blogs progressistas aqui analisados é Carlos Latuff. Ele é um ativista político de extrema esquerda que venceu em segundo lugar a notória Competição Iraniana de Cartuns do Holocausto. Latuff é um dos cartunistas antissemitas mais prolíficos na web, com uma assombrosa quantidade de trabalho dedicada ao avanço explicitamente antissemita no imaginário político. (LEVICK, 2010, s.p.)¹¹

Nisso percebe-se que os cartuns de ódio não apenas sobressaem aos cartuns de paz de Latuff, em uma enorme quantidade entre aqueles identificados no universo pesquisado, como também possuem uma reprodução significativa em blogs e outros tipos de endereços virtuais. E, pode-se concluir que seu trabalho, em sua maioria, não contribui para a paz. De acordo com Kotek (2008), desumanizar Israel e os judeus, não ajuda nem mesmo a causa Palestina, tendo em vista que os representantes palestinos um dia serão levados a negociar a paz com os israelenses. E ninguém negocia com monstros.

No que se refere ao conflito árabe-israelense o pacifista Amós Oz (2002, p. 71) define, de forma sábia: “Vocês não precisam escolher mais entre ser pró-Israel ou pró-Palestina. Vocês têm que estar a favor da paz”. Todavia, a posição de Latuff é explicitamente pró-Palestina e anti-israelense, o que não promove a paz, mas perpetua o conflito. Mesmo possuindo alguns cartuns que promovam a coexistência pacífica, não se pode ignorar a grande escala de desenhos com a presença de elementos antissemitas clássicos. E a história ensina, de forma muito sofrida, que a divulgação e propagação de estereótipos antissemitas produziram coerções, expulsões, pogroms e genocídios.

5. REFERÊNCIAS

ABRAHAM, Ben. **Holocausto: O massacre de 6 milhões**. São Paulo: WG Comunicações e Produções, 1976.

¹¹ No original: “The cartoonist most frequently appearing on the progressive blogs analyzed here is Carlos Latuff. He is an extreme left-wing political activist who won second place in the notorious Iranian Holocaust Cartoon Competition. Latuff is one of the more prolific anti-Semitic cartoonists on the web, with a staggering amount of work dedicated to advancing explicitly anti-Semitic political imagery.” (Tradução nossa)



ANDRAUS, Gazy. “charges.com.br - Literatura imagética das notícias via internet”. In: **XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Belo Horizonte: Intercom, 2 a 6 de Set 2003. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP16_andraus.pdf
Acesso: 15/07/2011.

COHN, Norman. **A conspiração mundial dos judeus: mito ou realidade?** São Paulo: IBRASA, 1969.

DERSHOWITZ, Alan. **Em Defesa de Israel**. São Paulo: Nobel, 2004.

FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ECO, Humberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

GUIMARÃES, Luciano. “O sistema simbólico das cores no jornalismo”. in: _____. **O espírito de nosso tempo**. São Paulo: Annablume, 2004.

KOTEK, Joël. **Cartoons and Extremism: Israel and the Jews in Arab and Western Media**. Portland: VMbooks, 2008.

LERNER, Silvia. “Imagens antissemitas: Do III Reich ao Irã”. In: **II Jornada Interdisciplinar Sobre o Ensino do Holocausto**, Curitiba: B’nai B’rith, 17 de Set 2009. Disponível em: <http://www.ensinosobreholocausto.com.br/downloads/jornada2/conteudo4.pdf>. Acesso: 15/07/2011

LEVICK, Adam. “Antisemitic Cartoons on Progressive Blogs”. In: **Institute for Global Jewish Affair**, 2010. Disponível em: http://www.jcpa.org/JCPA/Templates/ShowPage.asp?DRIT=3&DBID=1&LNGID=1&TMID=111&FID=624&PID=0&IID=4636&TTL=Antisemitic_Cartoons_on_Progressiv_e_Blogs Acesso: 15/07/2011

NAZÁRIO, Luiz. “As Caricaturas do Holocausto”. In: **Revista de Estudos Judaicos** ANO XI - n. 7, Belo Horizonte: Instituto Histórico Israelita Mineiro, 2007/2008, pp.7-29.

NAZÁRIO, Luiz. (2008); SACK, Sheila. “CARTOON: Uma Arte Armada Contra Israel”. In: **Núcleo de Estudos Judaicos - UFMG**. Disponível em: <http://www.ufmg.br/nej/modules/content/index.php?id=70> Acesso: 15/07/2011.

OZ, Amós. **Contra o Fanatismo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

SARTRE, Jean-Paul. **A Questão Judaica**. São Paulo: Ática, 1995.

STILVELMAN, Raquel. **O ódio entre os homens**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

STAV, Arie. **PEACE: The Arabian Caricature - A Study of Anti-Semitic Imagery**. Jerusalém: New York Gefen, 1999.

YANCEY, Philip. **O Jesus que nunca conheci**. São Paulo: Vida, 1998.